

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO – CET

**PRÁTICAS TURÍSTICAS NA SALGADEIRA: UM  
ESTUDO SOBRE A OCORRÊNCIA  
DE TURISMO SOCIAL**

ILKA MARIA ESCALIANTE BIANCHINI

PROFESSORA MARIA REGINA ZAMITH CALAZANS

Monografia apresentada ao Centro de  
Excelência em Turismo da Universidade  
de Brasília como requisito parcial para a  
obtenção do Título de Especialista em  
Docência e Pesquisa em Turismo

Brasília – DF, Dezembro 2003

Universidade de Brasília  
Centro de Excelência em Turismo  
Curso de Especialização em Docência e Pesquisa em Turismo

**PRÁTICAS TURÍSTICAS NA SALGADEIRA: UM ESTUDO SOBRE  
A OCORRÊNCIA DE TURISMO SOCIAL**

Ilka Maria Escalante Bianchini

Banca Examinadora

---

Maria Regina Zamith Calazans, Mestre  
Orientadora

---

Tânia Siqueira Montoro, Doutora  
Membro da Banca

Brasília, DF 04 de dezembro de 2003

Ilka Maria Escalante Bianchini

**PRÁTICAS TURÍSTICAS NA SALGADEIRA: UM ESTUDO SOBRE  
A OCORRÊNCIA DE TURISMO SOCIAL**

Comissão Avaliadora

---

Maria Regina Zamith Calazans  
Orientadora

---

Tânia Siqueira Montoro

Brasília, 04 de dezembro de 2003

Bianchini, Ilka Maria Escalante:

**Práticas Turísticas na Salgadeira: Um Estudo sobre a Ocorrência de Turismo Social** – Ilka Maria Escalante Bianchini – Brasília, 2003.  
52 f.

Monografia (Especialização) Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo. Brasília, 2003.

Àrea de concentração: Turismo  
Orientadora: Maria Regina Zamith Calazans

1. Turismo 2. Turismo social 3. Lazer

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este Trabalho à minha filha Izadora, que foi privada da convivência física com a mãe, mas nunca abandonada no coração e pensamentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por mais uma oportunidade concedida; à minha família que com seu amor, carinho e compreensão deu-me forças para concluir essa jornada; à minha orientadora Regina Calazans, que com muita paciência e carinho orientou-me em todos os momentos; aos professores, que nos transmitiram os conhecimentos necessários; à minha prima Regiane que sempre acolheu-me com muito amor e aos funcionários, que nos proporcionaram um ambiente agradável para a realização dos trabalhos.

## RESUMO

A presente monografia tem por objeto de estudo a prática de Turismo Social no Terminal de Turismo Social e Lazer de Salgadeira, em Cuiabá MT. Verificamos que o turismo social é uma atividade pouco conhecida e desenvolvida no Brasil, porém no exterior é uma prática comum e bastante fomentada. Entre o próprio meio acadêmico não há consenso sobre o mesmo, e eventualmente é confundido com o turismo de massa e turismo popular. O Turismo no Brasil nasceu e se desenvolveu aliado ao lazer, e até hoje os dois estão altamente associados. O lazer é um conjunto de atividades onde o ser humano pode se desenvolver por livre e espontânea vontade, desde que não haja obrigações familiares ou de trabalho. Está bastante associado ao tempo livre, classes sociais e recursos financeiros disponíveis. O Terminal de Salgadeira fica há 32 quilômetros de Cuiabá, sendo seu maior atrativo os recursos hídricos e a paisagem, além de ser gratuito. Seu desenvolvimento aconteceu a partir de 1985, mas antes disso já era freqüentado pela população de Cuiabá. O aumento do número de visitantes à Salgadeira acompanhou o crescimento da cidade, trazendo com isso, conseqüências para a descaracterização do local. Tal descaracterização é perceptível não apenas ao visitar o local, como também se confirma na memória dos antigos visitantes, mas as características paradisíacas são de comum consenso entre antigos e novos visitantes. O ambiente é propício a prática do Turismo Social, mas predominam o popular e o de massa.

Palavras Chaves: Turismo, Turismo Social e Lazer,

## ABSTRACT

This dissertation has, as objective, the study and practice of the Social Tourism at Salgadeira Leisure and Social Tourism Terminal in Cuiabá MT. We verified that social tourism is an activity not much known and developed in Brazil, however, in other countries is a widely fomented common practice. Even among the academia there is no consensus about the subject and, eventually, it is confounded with mass tourism or popular tourism. Tourism in Brazil started and developed allied to leisure and, to this day, mass tourism and popular tourism are closely associated. Leisure is a set of activities in which human being is able to self develop for free and spontaneous will, if there is no family or work obligations connection. It is well associated with free time, social classes and financial resources available. The Salgadeira Terminal is located 32km from Cuiabá and its largest attraction are the hydro resources and landscape, apart from being free of charge. Its development took place from 1985, but even before that, it was already visited by Cuiabá population. The increase on the number of visitors to Salgadeira followed the development of the city starting, consequently, the mischaracterization of the place. This mischaracterization is noticeable not only when visiting the location, but also in the memory of early days visitors. However, the paradisiacal characteristics are a common sense among new visitors. The ambiance is ideal for the practice of Social Tourism, but popular and mass tourism still prevail.

Key words: Tourism, Social Tourism and Leisure

**SUMÁRIO**

<b>Introdução</b>	<b>09</b>
<b>Capítulo 1 – Fundamentação Teórica</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2 – Metodologia</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 3 – O Lazer</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 4 – O turismo Social</b>	<b>22</b>
<b>Capítulo 5 – O Caso da Salgadeira – Localização e Histórico</b>	<b>27</b>
<b>Análise dos Dados da Pesquisa</b>	<b>31</b>
<b>O Tempo e a Memória</b>	<b>33</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>38</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>42</b>
<b>Anexos</b>	<b>44</b>

**ÍNDICE DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b>	<b>45</b>
<b>Figura 2</b>	<b>46</b>
<b>Figura 3</b>	<b>47</b>
<b>Figura 4</b>	<b>48</b>
<b>Figura 5</b>	<b>49</b>
<b>Figura 6</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

A atividade turística se organizou e se desenvolveu em meados do século XIX, somente depois de 1950 é que passou a ser praticada pelas massas. Porém mesmo atingindo uma grande parcela da população, existe a exclusão de muitas pessoas desta prática tão saudável.

As classes sociais C e D apresentam carências diversas, não havendo diferenciação no segmento turismo e lazer. A idéia da exclusão social é reforçada pelos altos preços dos produtos turísticos como um todo, principalmente em Mato Grosso, considerado por muitos profissionais da área como um dos mais aviltados do país.

Neste momento passamos por transformações sócio-políticas ideais a esta investigação, sobre a prática do turismo e do lazer nas classes C e D. Este Trabalho busca também diferenciar turismo social, turismo de massa e turismo popular, dos demais tipos de turismo praticados, e assim mostrar que as referidas classes, apesar de serem consideradas pelo senso comum como “farofeiros” e “predadores”, podem encontrar locais para freqüentar, sendo estes criados para os mesmos, ou seja, localidades que foram abandonadas pelas classes A e B, no caso a Salgadeira em Mato Grosso.

A Salgadeira é um ponto turístico importante em Mato Grosso. Começou a ser freqüentada no início do século passado por tropeiros, evoluiu para lazer da família de classe média; hoje é turismo popular e de massa. Possui estrutura para recepcionar o turista e fomentar o turismo, que pode ser melhorada e utilizada para a prática do turismo social e conforto dos freqüentadores mais assíduos.

A prática do lazer é condicionada a diversos fatores como tempo livre, grau de instrução, avanço tecnológico e principalmente situação econômica. A busca pelo lazer mostra-se inerente a todos, porém com diferenças profundas entre as classes sociais. Buscamos aqui, uma reflexão sobre estas práticas e os fatores que influenciam os muitos comportamentos perante o lazer.

As diferentes versões de turismo social confundem muito mais do que esclarecem, e a incompreensão do mesmo inviabiliza projetos direcionados e soluções viáveis à prática do turismo social, popular ou de massa. Outro ponto que buscamos aqui é refletir sobre a rejeição ao comportamento das pessoas de classes mais baixas, pelas classes média e alta. Aparentemente estamos cobrando um conhecimento e um comportamento de pessoas que não tiveram a oportunidade de acesso ao mesmo, e os parâmetros de comportamento são os da classe média, pois a Salgadeira inicialmente era freqüentada pela mesma, hoje o local destina-se ao lazer e turismo popular.

Apesar de todas as críticas é notório através dos meios de comunicação, que o comércio tem se voltado para os consumidores de baixa renda, pois estes caracterizam o fato da inadimplência ser próxima a zero. Portanto são consumidores que necessitam de produtos e serviços formatados de maneira diferenciada, e isso também é possível com turismo e o lazer.

Estudando o comportamento e as características deste consumidor pode-se fornecer subsídios para produtos, serviços e projetos de sensibilização para o turismo, desenvolvimento de turismo sustentável, e ainda, a formatação de produtos turísticos destinados as classes sociais C e D, desta forma aliando a pesquisa e a prática, fomentando o turismo local.

Assim este trabalho deverá, também, levar o reconhecimento das práticas de turismo e lazer desenvolvidas pelas classes sociais C e D, e ao desdobramento das ações praticadas pela população envolvida, para que possa contribuir de forma significativa com o bem estar desta parcela da sociedade, e da comunidade autóctone.

## CAPÍTULO 1

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O turismo nasceu e se desenvolveu junto com o capitalismo, porém só tornou-se mais praticado devido a diversos fatores como segurança, salubridade e nível de educação da sociedade. Todavia por não ser considerado como artigo de primeira necessidade, sofreu e sofre instabilidade provocada por desastres naturais, conflitos em geral, crises, guerras e epidemias.

Entretanto o turismo de massa, e nesse momento incluímos a classe operária, teve início com a reivindicação por parte dos trabalhadores europeus por mais tempo livre para o lazer e as auto realizações, juntamente com férias remuneradas (Espanha 1931, França 1936). Estas mudanças na sociedade levaram as empresas e os governos a se preocuparem mais com o tempo livre dos mesmos, surgindo então os acampamentos, as colônias de férias, os transportes subsidiados e os sistemas de crediário. A Alemanha e a Itália foram os primeiros países a oferecerem férias totalmente subsidiadas aos trabalhadores, dando início ao movimento do turismo social, mesmo que a finalidade disto era a disseminação da propaganda nazi fascista.

No Brasil, o turismo como fenômeno social surgiu após 1920, com a criação da sociedade Brasileira de turismo, que se tornaria Touring Club, extinta na década de 80. Surgiu e evoluiu vinculado ao lazer, porém sem nenhum cunho educativo, ecológico ou de aventura. A partir de 1950 grandes contingentes começaram a viajar, mas apesar de ser de massa, nunca atingiu o total da população. As classes altas consomem o turismo particular de elite e a classe média pratica o turismo de massa. Há poucas instituições

preocupadas com o turismo social, e a crise financeira que, com intensidade variada, se arrasta por décadas no país não permite a uma grande faixa da população ter acesso à viagens de longa distância ou duração.

Verificamos que o fenômeno turístico passou a ser estudado por muitas organizações em diversos países, porém apesar do amplo debate acadêmico sobre o tema, não existe exatamente uma conceituação, uma referência para se comparar às estatísticas ou outros dados sobre o turismo. A ONU e a OMT buscam estabelecer critérios que possam ser utilizados por todos e assim valorizar mais o setor, através de dados mais confiáveis, porém serão necessários ainda muitos anos de trabalho e estudos das diversas perspectivas e disciplinas para que se chegue a um consenso acadêmico de conceitos e definições. Utilizaremos aqui termos da OMT, e de diversos outros autores conceituados no meio acadêmico que são amplamente aceitos e adotados.

Economicamente o turismo tem uma importância extrema para o país que recebe o fluxo. Os gastos dos turistas no destino receptor não só constitui importante fonte de entradas para as empresas ou pessoas ligadas a ele, como também para o país, gerando a chamada exportação dos serviços turísticos. Aliado a isso temos o já comprovado efeito multiplicador do turismo, que aumenta a demanda por bens e serviços de diversos setores não sendo apenas o turístico, por assim dizer, é a interdependência existente entre os diversos setores da economia. Ou seja, os gastos dos turistas ultrapassam os limites da área do turismo e fluem para outras empresas, à medida que são necessários diversos outros bens e serviço para atender o fluxo turístico adequadamente.

Segundo a OMT, são quatro os elementos que estão envolvidos no conceito de atividade turística. São eles:

- Demanda: Conjunto de consumidores, ou possíveis consumidores de bens e serviços turísticos.
- Oferta: Conjunto de produtos, serviços, e organizações envolvidas ativamente na experiência turística;

- Espaço Geográfico: Base Física na qual tem lugar a conjunção ou o encontro entre oferta e a demanda em que se site a população residente, que em si mesma não compõe um elemento turístico, é considerado um importante fator de coesão ou desagregação, conforme é levado, ou não em conta na hora de planejar a atividade turística.
- Operadores de Mercado: Empresas e organismos cuja principal função é facilitar a inter-relação entre a oferta e a demanda. Aqui se encontram as agências de viagens, as Cias de transporte regular e aqueles órgãos públicos e privados que, mediante seu trabalho profissional, são artífices da organização e ou promoção do turismo.

Em relação aos praticantes de turismo e lazer, a OMT e diversos outros autores classificam os turistas em:

- Visitante: Gênero- Designa tanto o excursionista como o turista. Pode ser tanto o excursionista como o turista. Pode ser toda pessoa que, temporariamente se afaste de seu local de domicílio, para outro que não tenha a intenção de migração ou trabalho temporário (exceto parada técnica de aviões e navios sem desembarque).
- Excursionista: Espécie- É toda pessoa que se desloca, individualmente ou em grupo, para local diferente de sua residência permanente, por um período inferior a 24 horas, sem efetuar pernoite.
- Turista: Espécie – Turista é a pessoa que, livre e espontaneamente, por período limitado, viaja para fora do local de sua residência habitual, a fim de exercer ações, que por sua natureza e pelo conjunto das relações dela decorrentes, classificam-se em alguns dos tipos, das modalidades e das formas do turismo.

Os visitantes podem ainda ser internacionais, quando o mesmo for de outro país, ou interno, neste caso residente no mesmo país em que viaja.

Quanto a motivação, o comportamento do turista ainda não pode ser muito bem explicado, ou seja, pessoas com as mesmas características sociodemográficas tem escolhas diferentes em relação a destinos e empresas turísticas. “O que leva uma pessoa a viajar primeiramente é a satisfação das suas necessidades básicas.(Maslow, 1970)”. Estando estas satisfeitas surgem outras, e neste caso entra o turismo, como a necessidade de descanso, de evasão, etc. A motivação normalmente é baseada nos fatores sociais e psicológicos, em atitudes, percepções, cultura, escolaridade, idade, profissão e posição social, gerando as mais diversas formas de escolhas. Para se sentir aceito pelo seu grupo, o indivíduo precisa se comportar como ele, seguir normas e regras de conduta específicas.

Na classificação dos recursos turísticos, baseados em função da relação existente entre o tipo de usuário e as características físicas e ecológicas do recurso. Para Clawson e Knestch (1966), “a Salgadeira se enquadra: No Divertimento e lazer baseado no recurso;” refere-se a regiões especialmente valiosas do ponto de vista ecológico ou paisagístico, cuja localização é totalmente independente da localização de núcleos urbanos. Seu uso deve ser controlado e medido, para que a sustentabilidade do recurso seja garantida.

## CAPÍTULO 2

### METODOLOGIA

A Pesquisa é um procedimento formal, utilizado para coletar dados de forma sistemática, visando a menor margem de erro, que podem vir a ser fonte para as mais variadas pesquisas. Gera um fluxo contínuo de conhecimento, comprovando hipóteses, ou mesmo refutando-as e incentivando pessoas a novas pesquisas. Isso é um círculo vicioso que impulsiona o conhecimento, que ainda é muito incipiente nesta área. Segundo Rejowski (1996) o turismo por ser um fenômeno de múltiplas facetas, com influência em diversos aspectos da vida humana, tem se desenvolvido de forma multidisciplinar, abordando diversas outras áreas, como economia, geografia, psicologia, entre outras. Portanto é difícil demarcar limites para o turismo, mas estudá-lo torna-se instigante, como um pesquisador diante de áreas intocadas pelo homem.

Para a realização desta pesquisa utilizei metodologias híbridas diferentes, conforme a necessidade da verificação, já que as mesmas não se excluem, se complementam. Segundo Lakatos (1992), os processos para se chegar aos dados podem ser a documentação direta e indireta. A primeira se concretiza através de levantamentos de dados no próprio local onde os fenômenos acontecem e são conseguidos através da pesquisa de campo ou da pesquisa de laboratório. Os dois processos utilizam-se de técnicas de observação direta intensiva e observação extensiva

Na documentação indireta utiliza-se fontes de dados coletadas por outras pessoas, podendo o material estar elaborado ou não. No processo de documentação indireta coleta-se através da pesquisa documental e pesquisa bibliográfica, onde a documental

utiliza fontes primárias e a bibliográfica fontes secundárias. Fontes primárias Lakatos (1992) são aquelas de primeira mão, fornecidas pelos próprios órgãos oficiais e particulares, fontes não escritas como fotografias, gravações, imprensa falada, desenho, pintura, objetos, entre outros que podem vir a ser fonte de informação para pesquisa. As fontes secundárias tratam de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita.

Este trabalho se caracteriza como estudo de caso, pois visa um maior conhecimento sobre a área e o turismo social, não necessitando de hipótese. E para realizá-lo, inicialmente foi preciso uma pesquisa bibliográfica exploratória, utilizando fontes primárias e secundárias para identificar as teorias e a terminologia designada ao estudo do turismo, utilizando-se de livros, monografias, periódicos, internet entre outros.

No segundo momento fez-se necessário a primeira pesquisa de campo para verificar a realidade “in loco” do objeto de estudo. Nesta fase coletou-se dados, através da observação e aplicação de questionários não estruturados com cerca de 50 pessoas. A amostra adotada foi a não probabilística de conveniência Dencker (1998), e nas entrevistas com freqüentadores buscou-se identificar o comportamento das pessoas nas suas horas de lazer, e ainda reconhecer o nível de percepção que as pessoas possuem sobre o do meio ambiente e a utilização deste, bem como a relação com a prática do lazer.

Posteriormente em outra pesquisa de campo no local, foram feitas entrevistas não estruturadas com os freqüentadores, utilizando novamente amostra não probabilística, com aproximadamente 10 pessoas. Neste momento buscamos uma relação entre a memória, o esquecimento, transformações sociais do local e das pessoas.

Após as entrevistas estruturadas e não estruturadas realizadas na Salgadeira foram realizadas também, fora do local, outras entrevistas não estruturadas com famílias de políticos, funcionários do governo e pessoas que freqüentavam o local. O que se buscou neste momento foi perceber o que a Salgadeira representava na vida dessas pessoas, e como elas percebem o local hoje, formatando assim a memória de um grupo.

## CAPÍTULO 3

### O LAZER

O tempo livre é um fator condicionante da viagem ou do lazer para indivíduo. E com o crescimento das sociedades e o avanço tecnológico houve um aumento do tempo livre e a gradativa diminuição da importância do trabalho, em detrimento do lazer. Essa nova situação gerou um novo ser humano, que busca prazer sem culpa nas suas horas livres e uma interação mais intensa com o meio ambiente.

Porém esta situação da prática do lazer somente é percebida claramente nas classes sociais mais abastadas, já as classes sociais C e D são excluídas de diversas atividades no país e com o segmento do turismo e do lazer não é diferente. Existe um preconceito ao se falar de lazer para estas classes sociais, como se isso fosse ofensivo, denotando a pobreza não como uma situação econômica, mas um estado de espírito, uma cultura.

De forma menos constante que nas classes sociais A e B, nas classes C e D existe a prática do turismo e do lazer que geralmente ocorrem durante o tempo livre, que são os finais de semana. A referida população elege a vida familiar como prática do lazer, consumindo a maior parte do tempo livre com os chamados meios de comunicação de massa, a TV por exemplo. Isso se deve à relação orçamento-tempo, mas mesmo que pequena, há uma prática do lúdico, uma busca de mudança de ritmo, da paisagem e do estilo de vida. Esta prática pode ocorrer ao ar livre ou em diversos equipamentos de lazer, como cinemas, teatros, shoppings, entre outros.

Outro ponto é a visão de que o Trabalho é mais importante que o Lazer, e que este é um prêmio pelo primeiro. As pessoas muitas vezes não sabem que estão praticando o lazer e não percebem que ele não atrapalha o trabalho, mas sim o completa. Através dele, que pode ser praticado nas horas livres, o indivíduo alivia o estresse, mesmo estando dentro de casa assistindo televisão.

Fatores como férias escolares, ou férias remuneradas influenciam de forma favorável as viagens turísticas e o lazer.

Segundo Dumazedier (2001:34)

*“o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.”*

As atividades de férias são provavelmente as mais importantes dentre as atividades do lazer, o próprio turismo evoluiu em muitos lugares ligado ao lazer, portanto dentre as várias motivações turísticas esta é uma das mais comuns e importantes, bem como sua prática.

Muitas vezes a escolha pelo tipo de lazer reflete o dia a dia da pessoa, e nem sempre a atividade escolhida proporciona a sensação prazerosa esperada. As pessoas ainda não sabem, ou se esqueceram, de como ocupar o tempo livre com atividades que efetivamente contribuam para seu descanso e desenvolvimento pessoal, muitas vezes acreditam que dormir muito, ou beber muito, ou esforçar-se muito fisicamente é uma maneira de relaxar. Sem falarmos ainda naqueles que consideram o tempo livre algo inadmissível na vida de uma pessoa digna e trabalhadora, como se o direito ao ócio não fizesse parte de uma camada trabalhadora da população.

Na média, essa população ocupa mais o tempo livre dentro de casa, com atividades vinculadas a TV, hábitos domésticos como *hobbies*, animais, etc. sendo então, as atividades físicas fora de casa raras no cotidiano dessas pessoas. Isso pode ser devido à baixa qualidade de lazer da população, falta de dinheiro para outras atividades, ou falta de hábito e conhecimento de outras opções de lazer. A diversão fora de casa implica em motivação de sair, e nem sempre as pessoas ou a cidade estão prontas para isso. Novamente o crivo socioeconômico impõe o ritmo do lazer. Quando o próprio ambiente natural oferece possibilidades de lazer a baixo custo, envolvendo os maiores motivadores das pessoas – água, espaço verde, sol – nem que seja um dia por mês, elas buscam meios para desfrutar dos benefícios da natureza, mesmo que para isso tenham que abdicar de outros bens ou serviços do dia a dia.

Em relação aos atrativos Dumazedier afirma que

*“é obvio que o lazer se transformou num negócio de êxito com grandes perspectivas para o futuro, mas também se sabe que na hora de oferecer atividades de lazer e atrações turísticas, é necessário realizar um bom planejamento das mesmas, com base no conhecimento das necessidades do consumidor, suas possibilidades econômicas e de tempo, assim como a capacidade do local, as necessidades dos moradores, uma vez que isso, com um boa gestão, é a única forma de garantir que o atrativo será rentável e permanecerá durante muito tempo”.*

A maioria dos atrativos naturais foram descobertos e intensamente utilizados pela população de classe média. Durante a exploração dos mesmos percebe-se um processo de uso intenso pela classe média e depois pelas classes sociais mais baixas. Porém até 1980 ninguém falava em plano de manejo, ou exploração sustentável de um atrativo. Somente a partir de meados de 1990 os termos passaram a aparecer na literatura e na mídia, e as ações tiveram um tímido início, mais pelo empresariado do que pelo poder público. Hoje esta é uma postura muito cobrada pela população, principalmente em relação a alguns atrativos naturais, nem todos estão preparados para conviver com áreas exploradas de forma sustentável, seja pelo preço, ou pelo comportamento exigido aos visitantes.

Ainda segundo Dumazedier (2001), o homem na prática do seu lazer, desloca-se até 200 km do seu local de residência, e devido a esse êxodo de férias ou fim de semana, os locais que recebem estes turistas não estão preparados, sofrendo com isso sérios problemas estruturais. Porém estas mesmas localidades tem apresentado um grande ganho econômico, levando-as a buscar melhor estrutura para atender a demanda. Diversos programas do governo federal já foram passados para os municípios, nenhum efetivamente levado até o fim. Agora um desses programas o PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo), aparentemente tem dado resultados em alguns lugares, pois baseia-se na sensibilização da população e comércio local para a importância aos impactos positivos e negativos do turismo. Neste momento este projeto encontra-se sob reestruturação e pode voltar a ser trabalhado pelo recém criado Ministério do Turismo.

As atividades de lazer custam caro e numa dada hierarquia familiar o dinheiro primeiramente supre as necessidades com alimentação, habitação, vestuário, cuidados médicos, e depois é direcionado para os “bens de luxo”, onde está posicionado o lazer. Após esta escolha, o indivíduo ainda busca a prática do lazer mais próxima de seus hábitos de consumo. Uma nova segregação surge com a prática do lazer, pois o direito a uma vida fútil é exclusiva aos ricos, o lúdico não pertence aos pobres. Este pensamento vindo da idade média ainda se reflete, pois a prática do lazer pode segregar, de forma muito mais acentuada do que na vida social diária, entretanto está ligada ao *status* social e a prática de atividades da moda.

Ainda segundo Dumazedier (2001), as escolhas dos indivíduos são feitas tendo como uma das bases a instrução do mesmo, e sua atitude diante da escolha do que fazer no tempo livre reflete um pouco isso. A escolha pode tornar o indivíduo um praticante ativo ou passivo do lazer. Novamente observamos a atitude do dia a dia refletida nas escolhas dos indivíduos. A classe trabalhadora e de menor escolaridade acaba sem opção de atividades lúdicas, recreativas e integrantes de cultura e sociedade.

O homem recebe direcionamentos diversos sobre a utilização física e mental dos espaços, principalmente no que se refere a espaços privados, urbanos, de trabalho e educação. Quando o espaço em questão é o público, de lazer, e distante do urbano, os

referenciais de comportamento se perdem, pois no seu processo educacional o lazer não está claro, como algo intangível. O espaço público é visto como “de ninguém”, sem motivos para usar e conservar, e acaba por ser destruído, dando fim aos poucos locais propícios ao seu próprio lazer, sem no entanto sentir culpa por isso. Culpa essa que acaba caindo sobre o poder público, que não consegue sustentar adequadamente os seus espaços destinados ao lazer da população.

Segundo Macedo & Figueiredo (1986), a imagem condenatória dos “farofeiros” deve-se principalmente a falta de respeito a propriedade alheia e aos excessos cometidos por esses. Entre os excessos e exageros estão a ingestão de bebidas alcoólicas e uso de tóxicos, ausência de respeito aos limites entre as esferas do público e do privado, excessos na transgressão das normas de convivência, até mesmo no excesso de gente. Caracterizam-se ainda como poluentes do meio ambiente através da falta de silêncio, sossego e sujeira, alguns ainda acrescentam “feiura” e “deselegância”.

Quando falamos de turismo social as críticas aos praticantes do mesmo são inevitáveis. Porém após uma breve reflexão percebemos que estamos cobrando conhecimento de pessoas que não tiveram oportunidade de tê-lo, cobramos das classes sociais C e D um comportamento que muitas vezes as classes A e B não apresentam. O comportamento “exagerado”, das classes sociais mais baixas tem esta conotação se analisado pelos olhos da classe média e alta. São padrões diferentes dos percebidos nestas referidas classes. São pessoas que muitas vezes não tiveram acesso a nenhum tipo formal de educação, e do qual é exigido um comportamento tal qual de quem a recebeu.

Em todos os projetos de lazer e turismo social, existe uma intenção de promover a troca de cultura, e conseqüentemente despertar para uma educação comportamental, sensibilizar para a educação ambiental e integrar estes indivíduos à sociedade da cultura de classe média, até mesmo porque a intenção desta é rever seus conceitos e paradigmas sobre as classes sociais C e D.

## CAPÍTULO 4

### O TURISMO SOCIAL

Como o turismo social ainda não é muito praticado, principalmente no Brasil, também não existe uma definição consensual sobre o mesmo, vários autores falam superficialmente sobre o tema. M. Andre Poplimount (Goeldner,2002:224) define como “O turismo social é praticado por aqueles que não poderiam pagar os custos sem uma intervenção social, isto é, sem assistência de uma associação à qual o indivíduo pertence”, ou ainda a de W. Hunziquer (Goeldner, 2002:224) “O turismo social é praticado por grupos de baixa renda, possibilitado e facilitado por serviços totalmente separados e, portanto, facilmente reconhecíveis.” Nestas definições percebemos a existência de elementos como “meios limitados” e “subsidiados”, a ausência de intenções como proporcionar lazer, cultura ou descanso a uma classe social que não os pode ter neste momento.

Uma das melhores e mais atuais definições de turismo social vem de Almeida *in* BAHL (2003:135),

*“Turismo social é aquele fomentado sociopoliticamente pelo Estado e organizado por entidades da sociedade civil (assistenciais, profissionais ou outras) com objetivos claramente definidos de recuperação psicofísica e de ascensão sociocultural dos indivíduos, de acordo com os preceitos da sustentabilidade, que devem estender-se às localidades visitadas”.*

Neste caso percebemos intenção de promover o turismo, o lazer e a cultura, de forma a beneficiar não só o praticante do turismo ou lazer, mas também incluindo a sociedade. A citação de entidades assistenciais neste caso refere-se também ao Terceiro Setor, que aos poucos vem sendo incluído cada vez mais na sociedade, e cobrado para que promova ações no âmbito do turismo, conseqüentemente do turismo social.

No Brasil o turismo social é muito pouco difundido e praticado e muitas vezes o termo é usado de forma incorreta, causando confusão no entendimento das pessoas, até mesmo desgastando-o. Nem o governo nem o mercado perceberam ainda as possibilidades de ganhos sociais e financeiros que este segmento possibilita. Em outros países, como Alemanha, França e Itália, o turismo social é realidade há muito tempo. Começou com um movimento liderado pelo poder público, foi adotado pelas organizações de classes e pelo comércio em geral para instituir e fomentar esta prática. Neste sentido, Trigo (1993) observava que:

*“o turismo e o lazer social são viáveis, tem uma importância sociopolítica e podem ser deliciosos para os consumidores e lucrativo para os produtores. Nos países desenvolvidos, ele é uma realidade, mas nos países subdesenvolvidos ainda é uma utopia, um sonho a ser realizado. Um assunto teórico para livros, jornais e revistas .”*

A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 180 diz que “a União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios promoverão e incentivarão o turismo como fator de desenvolvimento social e econômico”, mas pouco age efetivamente para isso. A maioria dos estados litorâneos do Brasil promovem o turismo através de suas secretarias, porém apenas voltado para uma elite, de preferência estrangeira, ou para o turismo de massa. Já os estados do interior do país, que não possuem um fluxo turístico tão intenso como os do litoral, e conseqüentemente suas secretarias tem uma verba menor como é o caso de Mato Grosso, já buscam fomentar um turismo baseado na ecologia e na aventura, também voltados para elite e turismo de massa, porém de uma forma menos intensa, pois internamente não estão devidamente preparados e desenvolvidos.

Uma das poucas ações para se fomentar o turismo social foi a criação da Deliberação Normativa da Embratur (então denominada Empresa Brasileira de Turismo) n.º 115, de 5 de julho de 1983, que define programações de turismo social como “passeios ou excursões promovidos, organizados ou realizados, sem fins lucrativos ou retribuições financeiras de qualquer espécie, por confederações, federações sindicatos ou outras entidades representativas de classe, para seus associados e familiares cujo nível de renda não lhes permite usufruir, aos preços vigentes no mercado, das programações oferecidas pelas empresas e empreendimentos turísticos”. Esta deliberação pouco foi fomentada ou difundida pelos estados, e esta atividade praticamente não ocorre em Mato Grosso. O turismo social praticamente não é prioridade de associações ou mesmo do poder público, apesar de comprovadamente promover o desenvolvimento regional, interpessoal, bem como integrar o indivíduo ao seu meio.

Segundo a Organização Mundial do Turismo, no seu preâmbulo e em seu artigo 7º, o turismo é um direito. E que “[3] o turismo social, e em particular o turismo associativo, que permite o amplo acesso ao lazer, às viagens e às férias, deveria ser desenvolvido com apoio das autoridades públicas; o turismo familiar, de jovens, de estudantes, da terceira idade e de deficientes deveria ser encorajado e facilitado”. Cabe ao setor público a gestão da atividade turística e a do turismo social, justamente pela característica “sem fins lucrativos”. As associações, o mercado e o poder público já perceberam a importância e viabilidade econômica do turismo para terceira idade e para estudantes, nesses casos já encontramos diversas empresas que trabalham com esses públicos-alvo. Porém o turismo social ainda é um segmento desacreditado, onde os próprios praticantes não despertaram para os benefícios proporcionados pela integração com outras culturas, sanidade física e mental advinda do excursionismo, do turismo e do lazer.

Na prática o turismo social pouco acontece, apenas entidades como o SESC (Serviço Social do Comércio), e grandes empresas como as algumas multinacionais, montadoras de veículos, bancos, entre outras, promovem passeios ou excursões, ou mantêm colônias de férias para seus associados. Estas colônias geralmente localizam-se nas praias e o funcionário paga um valor mínimo durante o ano para poder desfrutar de alguns dias de férias com a família. Apesar dos motivos que levam as empresas a

criarem estes núcleos nem sempre serem totalmente sociais, como a preocupação com a produtividade e o absenteísmo, são atitudes louváveis, pois promovem a sanidade física e mental dos trabalhadores, além de uma integração com pessoas de outros lugares, consequentemente outras culturas.

De acordo com Beni (2001:422),

*“é inegável a existência de uma demanda potencial latente, mesmo reconhecendo as dificuldades para se quantificar com exatidão as necessidades da população menos favorecida, em tempos de férias e de lazer, pode-se avaliar a escala da demanda partindo-se do pressuposto que a demanda potencial cresce rapidamente sob o efeito de alguns fatores conhecidos: crescimento demográfico, aumento da taxa de urbanização, do tempo livre, do nível da informação cultural e alterações na estrutura da composição da pirâmide etária.”*

Percebemos que há demanda potencial, Mato Grosso como todos os outros estados do país cresceu muito nos últimos anos, em consequência disso sua população também cresceu. A população de baixa renda representa hoje uma grande parcela da economia no país, encontra-se ainda em estado latente sobre o turismo. Porém em outras áreas, manifestam desejo e potencial de compra, como eletrodomésticos e móveis em geral, que podem ser considerados gêneros de primeira necessidade, que antes não eram consumidos. Produtos diferenciados como planos de saúde, consórcios diversos e financiamentos estão surgindo para esta população de baixa renda. E o turismo também pode vir a ser um produto direcionado a esse público.

Há uma confusão entre turismo de massa, turismo popular e turismo social, pois com a oferta de alguns produtos turísticos mais baratos, um grande contingente começou a viajar, confundindo um pouco as pessoas. Porém cabe ressaltar que os três são bastante diferentes. O baixo preço de alguns produtos faz com que o turismo social fique muito próximo do turismo popular, e também do de massa. Ainda que algumas características sejam comum a um ou a outro, não podemos considerar todos como da mesma categoria. O turismo popular é praticado por pessoas de baixo poder aquisitivo, ou por quem não pode fazer grandes gastos na viagem turística. Esse turista quase não

deixa divisas no local, e seus participantes levam praticamente tudo de casa, como comida, bebida e dormem em barracas.

O turismo de massa é praticado pela população de classe média, caracteriza-se por um grande número de pessoas juntas, com gastos relativos ao poder da referida classe social. Este turista utiliza os serviços e equipamentos turísticos do núcleo receptor, contribuindo para a economia local. Porém o turismo de massa se não for bem planejado, também é bastante agressivo à natureza, aos costumes sócio-culturais e à economia local.

A aparente diferença entre turismo social, de massa e popular está na intenção de quem subsidia o turismo social, em promover uma interação interpessoal, o enriquecimento cultural e a recuperação psicossocial dos turistas. Dada esta possibilidade, pensamos que a grande característica do turismo social é a integração do turista com o ambiente, despertando nele a vontade de ampliar seus conhecimentos gerais e a praticar um lazer mais saudável. Este “despertar” pode iniciar uma reação em cadeia, fazendo com que pessoas que antes não tinham condições financeiras de praticar turismo ou lazer, busquem meios de continuar a conhecer novos lugares e culturas, criando assim um novo nicho de mercado para os empresários do setor.

É a transformação do turista ou excursionista social em turista ou excursionista popular, é a possível formação de um novo mercado consumidor, no que deve ser acompanhado pela formação de um novo mercado fornecedor de produtos e serviços diferenciados e direcionados para o consumo popular. Neste caso deve-se perceber que os ganhos são menores por pessoa, mas o lucro vem da escala, pois são grandes contingentes que podem vir a se tornar mercado consumidor.

## CAPÍTULO 5

### O CASO DA SALGADEIRA - LOCALIZAÇÃO E HISTÓRICO

A área que corresponde a Salgadeira localiza-se a 32 Km de Cuiabá, as margens da rodovia MT-251. Faz parte da microrregião de Cuiabá, juntamente com toda a região de Chapada dos Guimarães. O relevo pertence ao Planalto e Chapadas da bacia do Paraná. O clima é o tropical alternadamente seco e úmido, inverno seco e verão chuvoso. A hidrografia é pertencente a bacia do Paraguai (formado da Bacia Platina). Faz parte do Bioma do cerrado. A vegetação é típica do cerrado, com árvores baixas, de troncos retorcidos, casca e folhas grossas e folhagens rasteiras.

A rodovia MT – 251, tem o nome de Emanuel Pinheiro, mais conhecida como Cuiabá-Chapada, liga a capital a outras cidades do noroeste do estado e também a outros pontos turísticos, como o Lago de Manso. É uma estrada bastante sinuosa, asfaltada apenas até Chapada, apesar de ser turística, possui pista simples e a maior parte dos seus quase 80 quilômetros não conta com acostamento, o que a torna bastante perigosa, principalmente no final da tarde, com o retorno dos turistas e excursionistas (muitos alcoolizados) dos diversos locais para lazer e turismo da região. Não possui uma sinalização adequada, muitas placas estão encobertas pela vegetação e depois da estação das chuvas, que vão de novembro a maio, a mesma fica bastante esburacada. Porém é o único caminho para a Salgadeira e seu entorno, ou então é necessário uma volta de mais de 200 quilômetros, o que tornaria o passeio inviável para a maioria das pessoas. Com o movimento turístico, a estrada passou a ser mais fiscalizada, porém muitos acidentes acontecem, principalmente nos finais de semana.

Aos pés das escarpas está localizada a Salgadeira, e assim como Chapada dos Guimarães é uma Área de Proteção Ambiental – APA - desde 1999, e não faz parte do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães, é somente uma área protegida no entrono do parque. Sua beleza é muito comentada, pois localiza-se no início da subida da Chapada, em um vale, e pode ser avistado muitos quilômetros antes na estrada, tanto na ida para Chapada como na volta para Cuiabá. E hoje é considerado um importante pólo turístico, com diversos rios e cachoeiras, formando um conjunto muito bonito e harmonioso dos paredões vermelhos com a vegetação característica do cerrado.

Porém ocorreram nos últimos vinte anos profundas alterações na paisagem, provocadas pela ação do homem, como os desmatamentos, as queimadas e mesmo a alteração dos cursos naturais dos rios. Estas alterações conseqüentemente provocam um desequilíbrio ecológico, como o assoreamento e o ressecamento de alguns riachos, a morte permanente de uma parte da vegetação e dos pequenos animais, que depois das queimadas não conseguiram mais se recompor.

A Salgadeira não escapou ileso a tudo isso, ao longo do tempo sofreu diversas agressões, mesmo assim o local continua muito bonito e visitado. Uma das grandes curiosidades dos visitantes é em relação ao nome do local, uma das explicações e a mais aceita para o nome Salgadeira deve-se ao local ser um antigo abatedouro bovino, e também ponto de descanso do caminho dos viajantes tropeiros, que lá paravam em um córrego, para charquear a carne, ou seja, salgá-la e secá-la ao sol, antes de seguir viagem para o norte do estado ou do país. Este local foi utilizado por muitos anos pelos tropeiros que viajavam pelo estado, passando depois a ser também freqüentado pela população local, que fugindo do calor se refrescava as margens do pequeno córrego.

Hoje existe no local o "Terminal de Turismo Social e Lazer de Salgadeira", inaugurado em 1985, ocupando uma área de 33 hectares, próximo a uma das belas cachoeiras da região, foi concebido por projeto do órgão de turismo do país, então EMBRATUR, junto com outros projetos de terminais no Brasil, para atender a crescente demanda turística, proporcionando um ambiente confortável, com restaurantes, vestiários, quadras e estacionamento para ônibus, que em todos os fins de semana, recebe centenas de pessoas que fogem do alucinante calor cuiabano.

O Projeto dos Terminais foi implantado pelo Governo Federal na década de 80, em diversos outros estados, mas somente o de Foz do Iguaçu - PR deu certo e hoje é modelo de terminal em parque, pois foi privatizado através de licitação; atualmente é administrado por uma empresa. No caso de Mato Grosso era um projeto conjunto com o Governo do Estado que assumiu a gerência, e depois passou para a prefeitura de Cuiabá, onde está até hoje. A desapropriação da área começou entre 1980 e 1981, mas só foi concluída cerca de dez anos depois. Hoje o Terminal é composto de quatro bares e restaurantes, mas inicialmente foi concebido dois grandes restaurantes, um de cada lado da rodovia e dois bares. Havia no local, antes da instalação do terminal, dois bares, instalados precariamente em quiosques, sem licença ou autorização para funcionar, sem qualquer condições de higiene. Porém os “proprietários” se recusavam a sair e após muita negociação, conseguiram dois novos pontos para se instalarem no novo projeto.

A Salgadeira realmente é um importante ponto de turismo e lazer da região, sua administração não pertence ao Parque Nacional, mas é subordinada à Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano de Cuiabá. Localizada ao pé das escarpas, proporciona uma belíssima vista, com os paredões de arenito ao fundo, em tons avermelhados devido a alta concentração de ferro, mudam sua cor conforme a iluminação, podendo variar do marrom escuro em dias nublados ou enfumaçados, ao vermelho ocre nos dias claros. Além disso a vegetação do cerrado é bem exuberante no local, devido a abundância de água. Não se encontram muitos animais no local, pois o uso constante pelo homem afastou todo e qualquer animal silvestre da região.

O traçado do córrego permite desde o banho calmo em águas rasas, massagem das pequenas quedas d'água, ou ainda a força de uma cachoeira de quase quinze metros de altura. Neste ambiente as pessoas se refrescam do intenso calor cuiabano, que no verão ultrapassa facilmente aos 39 graus, além de observarem a grandeza e imponência dos paredões da Chapada dos Guimarães.

Inicialmente, na década de 70, a estrada que ligava Cuiabá a Chapada dos Guimarães não era pavimentada, somente quem possuía carro próprio freqüentava o lugar. Era o destino preferido das famílias de classe média, que ali preparavam seu alimento e passavam horas agradáveis com amigos, tomando banho no rio, jogando

bola, ouvindo moda de viola, relaxando do trabalho, refrescando do calor e se preparando para uma nova semana de trabalho. Na década de 80, com a pavimentação da rodovia e a instalação de linhas regulares de ônibus, o acesso ao local tornou-se mais fácil, conseqüentemente mais popular. Outras pessoas passaram a chegar para conhecer e aproveitar as belezas naturais da região, as excursões e os passeios organizados começaram a fazer parte do cenário da Salgadeira. As famílias que antes freqüentavam o local sentiram-se incomodadas com a presença cada vez mais intensa de pessoas “desconhecidas”, de classe social inferior, barulhentas, de hábitos diferentes e em número cada vez maior. E foram aos poucos, abandonando o local e procurando outros pontos de lazer.

No final da década de 80 o ambiente da Salgadeira passou por profundas alterações, com o início da construção do Terminal turístico Social. A região foi transformada em Parque Nacional, depois em Área Protegida, muitos dos pontos para banho que ficavam em uma área mais afastada foram cercados e o acesso fechado pelos proprietários de terras do local. Conseqüentemente o espaço para banho foi reduzido, sem no entanto reduzir o número de visitantes, que ao contrário, continuou aumentando. O churrasco e o piquenique foram proibidos, comida agora só a que era vendida no local e a visitação das partes mais afastadas do local foi fechada. O fluxo passou a ser mais concentrado, intensificando-se na região do terminal, com uma aglomeração maior de pessoas. O turismo de massa teve seu momento mais intenso nesta época, quando então, a partir da década de 90 começou a cair, devido a depredação da vegetação e do próprio terminal. Hoje, a Salgadeira não recebe tantos turistas como alguns anos atrás, disse um comerciante do local, resumindo assim essa afirmação: *“O descuido com a área é total, tanto por parte dos órgãos competentes, quanto por parte dos próprios visitantes. O interessante seria uma reestruturação no aspecto geral”*.

Aparentemente hoje as pessoas cuidam menos do local, não se preocupam em preservar, em conservar as instalações existentes, não desenvolveram a consciência ambiental, nem de convivência em grupo ou comunidade. Existem vários grupos e ONGs que tentam trabalhar a Salgadeira, que continua sendo objeto de estudo das mais diversas instituições de ensino público e privado, e diversas áreas do conhecimento. Porém ninguém conseguiu ainda fazer um bom trabalho no local, sendo com os comerciantes, alguns residentes e visitantes.

## ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Segundo o Posto da Polícia Militar instalado no local apenas para dar apoio aos turistas, a frequência de visitantes durante a semana é de aproximadamente 100 pessoas por dia de segunda a sexta, aos sábados fica em torno de 300 e aos domingos pode chegar a 600, dependendo do clima, se for feriado o número pode ser ainda maior e chegar a 800 pessoas, mas há registro de até 2000 pessoas em um único dia. Isso é medido pela quantidade de ônibus que chegam ao local, com uma média de 40 pessoas cada, somados aos carros de passeio, com média de quatro ocupantes por veículo.

Verificamos uma resistência dos frequentadores locais à pesquisa, principalmente ao questionário não estruturado que se traduzia em uma conversa. Na primeira incursão as respostas dos questionários eram muito parecidas e no confronto “observação-resposta” percebemos a inveracidade de alguns itens como a importância da limpeza e higiene local. Nas conversas mais longas a dificuldade foi conseguir voluntários para respondê-lo e depois um certo descrédito com a intenção da pesquisa.

Através de observações e das entrevistas podemos perceber pontos que são comuns a frequentadores antigos e atuais, como a busca do lazer, do descanso e do contato com a natureza. Porém existem diferenças nas falas referentes ao passado e presente, mostrando que na memória ficou a imagem de um lugar idílico, que não confere com a realidade do hoje. Outro ponto bem marcante foi a busca pela água, como principal elemento da natureza presente nas memórias, principalmente nas pessoas vindas de outros estados.

Ficou claro os sentimentos de tranquilidade e privacidade que as famílias desfrutavam na Salgadeira de antigamente, ou seja, 20 anos atrás, palavras como familiar, privado, tranquilo, renovado, apareceram em quase todas as conversas quando

as pessoas se referiam ao passado. Quando foram levadas a voltar para o presente as palavras mudaram de tom e surgiram perigo, depredação, vandalismo, povão, falta de privacidade, pena, insegurança e sujeira.

Identificamos duas salgadeiras, a que existiu no passado e ficou gravada na memória das pessoas que lá iam passar momentos agradáveis com a família e amigos, em ambiente calmo, tranquilo e familiar. E a Salgadeira de hoje, agitada, cheia de gente e barulhos, possuidora ainda de algum charme. Passamos agora a alguns relatos das entrevistas separadas em passado e presente:

## O TEMPO E A MEMÓRIA: A PERCEPÇÃO DA SALGADEIRA EM VINTE ANOS ATRÁS

### Salgadeira Antiga – década de 80

Instigados a voltar ao passado e lembrar dos dias de lazer na Salgadeira, os entrevistados iniciavam os relatos com expressões felizes, sorriso no rosto, olhar perdido. Enquanto falavam do passeio de domingo mostraram que a família era muito importante “*o passeio na Salgadeira era um dia muito esperado por todos, mas principalmente pelas crianças*”. O local era ainda muito rústico, “*só mato, só verde*”, como disseram alguns, tinham que voltar para Cuiabá cedo, pois os mosquitos atacavam no final da tarde.

Freqüentavam o local apenas pessoas de classe média, pois possuíam carro na época e alguns diziam que “*era o lazer, um programa da família e quem mais aproveitava eram as crianças, que passavam o dia na água*”. Por outro lado, isso também era uma prática barata, pois só gastavam com combustível e alimentação, o melhor do passeio era de graça, oferecido pela natureza.

Iam de carro próprio, ou de algum membro da família, levavam consigo quantas pessoas coubessem, às vezes um pouco mais do número permitido por veículo, mas ninguém reclamava, pelo contrário diziam “*era uma festa, saíamos sempre em grupos, com vários carros, vários adultos e principalmente crianças*”, porém sempre carro de passeio, ou no máximo uma Kombi, ali não chegavam pessoas em ônibus como acontece hoje.

Lá os homens ficavam agrupados e as mulheres e crianças também. Era uma repetição dos papéis exercidos na sociedade. As tarefas eram pré definidas, ficando os homens responsáveis por arrumar o local, tirar o mato, galhos ou lixo, preparar e assar a carne, as mulheres cuidavam das crianças, arrumavam os pertences no local na chegada

e saída. Levavam sua própria comida, às vezes pronta ou organizada para ser preparada no local, juntamente isopores com lanches e bebidas. Normalmente a comida e bebida eram cotizadas entre as pessoas *“ninguém tinha muito dinheiro, então as compras e a comida eram feitas em conjunto”*.

Os grupos ficavam ao longo do rio, o que era permitido na época, hoje não mais, as famílias ou grupos tinham suas preferências, sempre iam aos mesmos pontos do rio, era como um território demarcado. Tinham pouca ou nenhuma preocupação com ecologia ou preservação, não eram conceitos que faziam parte da época *“achávamos tudo muito bonito, mas ninguém ficava contemplando, já era meio normal, comum para nós”*.

Outros entrevistados, principalmente os migrantes de outros estados, que estranhavam muito o calor e lá tinham um refúgio no final de semana, achavam o lugar lindo, “puro” e “generoso” para com as pessoas que lá freqüentavam, não se sentiam no direito de sujar ou poluir a mata ou a água tão limpa e refrescante. Mostravam um princípio de consciência ecológica que já vinha sendo desenvolvida nos estados do sul e sudeste, porém convém lembrar que não consideravam sujeira os resíduos como carvão ou alimentos.

Não tinham preocupação com lixo, pois jogavam os restos de comida no rio, para os peixes e como disse um dos entrevistados *“na época não havia muitos produtos descartáveis, nos levávamos tudo de casa, copos e pratos de vidro, talheres de metal, panelas, e tudo voltava, menos a bebida e a comida, e ainda assim o local era mais limpo do que hoje”*.

Os grupos familiares tinham seu local respeitado pelos outros, mesmo que saíssem do lugar ou andassem pelo local ninguém mexia em seus pertences, eram relativamente organizados, não quebravam nem depredavam nada intencionalmente.

A moleza, o cansaço gostoso no fim do dia era a certeza de um dia de lazer bem aproveitado, e frases como *“podia soltar as crianças na terra e na água, elas dormiam cedo no domingo de Salgadeira”* e *“a gente voltava renovado para começar a segunda*

*feira*”, mostram como o local era importante para o descanso e sanidade mental das pessoas.

Expressões como “era o nosso clube”, mostra como as pessoas viam o local, muitas encaravam como delas e não como público, por isso cuidavam para ter sempre o lugar limpo, pois sabiam que o teriam assim quando voltassem. O respeito demonstrado era grande, tanto pela natureza, como pelos outros freqüentadores.

O restaurante da Salgadeira era considerado de bom padrão, muitas pessoas saíam de Cuiabá à noite para jantar lá, era um programa noturno e muitos casais e grupos de amigos iam para lá nos fins de semana. Segundo alguns relatos entremeados a muitos risos “*era muito chique ir jantar na Salgadeira, era só para comemorações, ou conquistas amorosas*”.

Freqüentar a Salgadeira era para a maioria das pessoas, um momento em família, pois a região de Cuiabá também já oferecia outros tipos de lazer, como a pesca, por exemplo, mas somente lá a família podia ir e ter diversão para todas as idades, além da interação com os amigos, isso também ocorria pela fraca estrutura de lazer dentro da capital, que era precária e praticamente não existiam clubes para a classe média. Era um momento de fugir do calor e do pensamento no trabalho ou em problemas, já que a beleza do lugar parecia “hipnotizar as pessoas”. O fato de poder entrar mata adentro proporcionava um certo isolamento, que dava a sensação de privacidade aos grupos. Para quem vive na cidade com muito concreto e asfalto, o contato com a natureza aproxima-as de um retorno a vida no campo, sentimento muito procurado hoje em dia e ofertado pelos hotéis fazenda.

### Salgadeira Atual - 2003

Através das observações locais e dos relatos conseguidos nas entrevistas, percebemos uma estrutura diferente na Salgadeira de hoje, percebemos ainda que ao serem perguntados sobre a Salgadeira hoje os entrevistados tiveram visíveis mudanças nas expressões faciais e passaram do riso fácil a um quase pesar, expressões fechadas, tristes, melancólicas na verdade. Os relatos começaram falando do lixo, da poluição ambiental visual e sonora do local, porém sempre ressaltando que o local continua bonito. Mas percebe-se uma perda em todos eles, quando falam *“era tão gostoso passar o dia lá, tudo bonito, e hoje tudo sujo, dá dó ver aquilo, aquela gente tudo amontoada, dá uma tristeza, e só de lembrar como a gente cuidava, agora ninguém quer nem saber”*.

Uma outra percepção foi a de que os grupos que hoje freqüentam a Salgadeira, da mesma forma que os antigos freqüentadores, acham o local muito bonito, tem posicionamentos muito parecidos, como quando dizem *“a gente vem aqui para relaxar e enfrentar a semana de trabalho”*, continua sendo um programa de muitas famílias de classe média e baixa. É lógico que hoje em dia tem muito mais gente lá do que antes, um reflexo do crescimento da população, da urbanização do Estado e do local, mas a busca das pessoas é a mesma, o lazer barato, o relaxamento, estar com a família e os amigos, fugir do dia a dia e do calor, ter um contato maior com a natureza.

Atualmente os grupos que freqüentam o local se mantêm isolados como em guetos, poucos se misturam e a ocupação é distribuída por faixa etária e afinidades e os limites geográficos são bem definidos. Ao longo da mureta de proteção da rodovia MT - 251, que atravessa a Salgadeira ficam os jovens. Do lado direito, a partir da mesma, ao longo do rio e nas mesas, até a cachoeira ficam as famílias, crianças e a melhor idade, e do lado esquerdo, próximo à mureta ficam outros grupos de jovens. Mais afastadas buscando áreas de maior sossego e tranqüilidade, ficam famílias, que apesar da proibição preparam seu próprio alimento no local. Porém não é uma segregação agressiva, eventualmente grupos se misturam em jogos e brincadeira, ou dividem o

mesmo espaço de banho momentaneamente, depois voltam aos seus guetos, como todos nós na sociedade, buscamos sempre um espaço onde existam pessoas com interesses e atividades afins.

Existem ainda espaços que são freqüentados por pequenos comerciantes, artesãos, hippies e vendedores ambulantes, estes ficam sob as árvores, ou espalhados por todo o local, sempre buscando os visitantes que chegam e que podem permanecer lá por todo o dia, ou àqueles que podem vir em grupos de turistas apenas para conhecer o local e depois seguir viagem.

Em relação ao tempo de permanência no local, os grupos de famílias e melhor idades permanecem das 07:00 às 17:00 e os diversos grupos de jovens ficam na Salgadeira das 09:00 às 20:00. O retorno a Cuiabá pode ser motivado pelos mosquitos, que aparecem a partir das quatro horas da tarde, ou pelo cansaço. É um momento delicado, que inspira cuidados, pois muitos motoristas dirigem embriagados, causando todos os meses um índice elevado de acidentes nas estradas.

Quanto ao deslocamento para chegar até o local as pessoas utilizam carro próprio, transporte coletivo a partir de Cuiabá, Chapada dos Guimarães ou cidades próximas, sendo o fretamento de ônibus e vans mais comum nos finais de semana.

Muitos dos entrevistados acham que hoje a visitação deveria ser mais controlada e organizada, um entrevistado deu o seguinte depoimento: *“Hoje dá pena ver o lugar, domingo a água tem cheiro de urina, mas ainda assim continua lindo”*.

Apesar de todos os problemas, a Salgadeira ainda é um belo lugar e hoje é o único local na região que gratuitamente oferece a melhor estrutura para o visitante, continua sendo muito freqüentado, por todos aqueles que não se importam em dividir seu espaço com outros, buscam um passeio diferente com a família e os amigos, principalmente aos sábados e domingos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compararmos a salgadeira de antes com a de agora é preciso lembrar que a população de Cuiabá há vinte anos atrás era bem menor do que hoje, portanto o fluxo de pessoas para a Salgadeira também era bem menor, acreditamos que o mesmo aumentou 200 %. A visão idílica do local sem lixo, deve-se em parte, a um pensamento da época de que lixo era somente plásticos, papéis e restos que “outros” deixaram, mas analisando mais profundamente percebemos que antes do terminal existia muito lixo e degradação, como restos deixados pelos visitantes, carvão usado, garrafas de vidro, restos de comida, roupas esquecidas, velas, utensílios de cozinha, sem mencionar o estrago causado pelos carros que entravam mata adentro e muitas vezes cruzavam os rios.

Na época não havia coleta de lixo e os resíduos que ficavam eram recolhidos pelos visitantes e depois pelos donos dos bares, muitas vezes era queimado, o que representava um risco ao local, ou enterrado, que também não era a melhor opção. Após a implantação do terminal, a coleta de lixo passou a ser regular, hoje um caminhão passa cerca de duas vezes por semana e leva o lixo para Cuiabá. Um dos problemas do processo percebido hoje é o da coleta de lixo dentro do terminal, pois as poucas lixeiras existentes estão em péssimo estado de conservação, muitas sem fundo, ou em locais escondidos. Os visitantes não se preocupam muito com isso e jogam o lixo no chão, ao final do dia o local está bastante sujo com papéis, embalagens diversas, restos de comida, entre outros.

Percebemos que poucos sabem o que é realmente Turismo Social, até mesmo entre os estudiosos, professores, estudantes e profissionais do turismo o termo é usado erroneamente. É preciso esclarecer a classe para se trabalhar de forma efetiva com Turismo Social e não confundir com turismo popular, ou turismo de massa.

É grande a possibilidade da prática do Turismo Social na Salgadeira, porém o que realmente acontece é o turismo de massa e turismo popular. Já existe uma estrutura de equipamentos e serviços, que apesar de ser falha, atende turismo popular e de massa, que pode ser trabalhada para também atender a demanda de turismo social.

Apesar do turismo popular ser muito mais praticado e merecer grande atenção nos dias de hoje, o comércio e o poder público em geral também não conhecem muito sobre esta modalidade de turismo, portanto não conseguem visualizar as possibilidades mercadológicas advindas desta prática, acreditam somente no turismo de massa. Vale a pena divulgar aos atores do processo turístico do terminal Salgadeira a importância e as possibilidades de ganhos com turismo popular e social, despertando para um novo nicho a ser explorado.

Os comerciantes locais não cuidam da conservação e preservação do lugar, nem se mostram preocupados com o lixo. Os banheiros estão constantemente fora de uso, obrigando a população a buscar lugares alternativos para suas necessidades. As quadras para prática de esportes estão abandonadas, em péssimo estado de conservação, precisando urgente de reformas. A má conservação do local leva ao vandalismo, sendo constante os ataques aos prédios por parte dos frequentadores.

Portanto esta pequena comunidade que vive na e da Salgadeira também deveria passar por uma sensibilização. O impacto no meio ambiente já aconteceu com a construção do terminal, e isso é praticamente irreversível. Sendo assim, já que a estrutura existe agora precisa ser utilizada com ordem e responsabilidade, pode ser um instrumento de educar e informar a população.

Aparentemente o maior problema é o gerenciamento do local. Ninguém sabe informar como foram feitas as licitações para os comércios locais, se eles pagam algo pela utilização do espaço, e quem responde pelos problemas. Tendo Foz do Iguaçu - PR como exemplo, onde o poder público percebeu que não tem condições para gerenciar um empreendimento como este, os outros terminais, incluindo a Salgadeira, deveriam passar a administração do mesmo para empresas competentes, que organizam o local e sua visitação, oferecendo mais segurança e conforto para os visitantes e trabalhadores,

ainda com um diferencial que é o lucro, que pode proporcionar novos investimentos no local.

Nas entrevistas ficou claro que todos consideram a Salgadeira como um local de beleza ímpar até hoje, mas que deveria estar mais organizado e a visitação mais controlada. Os frequentadores atuais precisam de instrução, pois não sabem como agir no ambiente público, a presença de monitores seria uma saída para isso. Orientando tanto a comunidade residente e trabalhadora como os visitantes, o trabalho poderia ser feito através de convênios com instituições de ensino, associações de classe, ou assistenciais, proporcionando um ganho para os dois lados. Na mesma linha de parcerias, a Salgadeira é um terreno fértil para programas de sensibilização através de jogos e recreação, como a reciclagem, a preservação, e a prática orientada de exercícios.

A Salgadeira é um ambiente extremamente fértil para o desenvolvimento de projetos como por exemplo sensibilização para o impacto ambiental. Muitas instituições de ensino superior de Mato Grosso podem desenvolver ali estudos nas mais diversas áreas, como biologia, turismo, educação, história, geografia, educação física, enfim, projetos multidisciplinar, envolvendo comunidade acadêmica, comunidade local e turistas. Empresas também podem trabalhar em conjunto, patrocinando melhorias, reformas, cursos, oficinas e assim atingir vários objetivos, como a conservação do local, a educação e sensibilização dos frequentadores e moradores sobre a limpeza do local e a importância de se preservar para usufruir sempre.

A prática do Turismo Social na Salgadeira mostrou-se quase inexistente, porém o local apresenta estrutura ideal para o mesmo. Mas em se tratando de Turismo Social, não basta sensibilizar os potenciais praticantes, é preciso fazer um trabalho nas empresas, nas ONGs, e no governo, pois são eles os grandes promotores desta prática. O primeiro passo é identificar as empresas e ONGs que inicialmente podem começar a trabalhar, juntamente com o governo e depois esclarecer a todos sobre os termos técnicos, mostrar empresas que já praticam turismo social, os benefícios e lucros que a atividade pode proporcionar.

Acreditamos que convênios e parcerias com empresas e instituições de ensino da área pública e privada, é atualmente uma possibilidade para a Salgadeira. As reformas necessárias na estrutura física como banheiros, acessos a atrativos, trilhas, sinalização e identificação de fauna e flora são itens importantes para o conforto e o bom uso do espaço por todos. Os atores envolvidos no processo como os moradores, os turistas, os trabalhadores locais serão beneficiados, conseqüentemente o local será mais bem utilizado e preservado através da promoção constante de campanhas educativas, atividades de lazer direcionadas a educação e o monitoramento do local por guias e educadores

**BIBLIOGRAFIA**

1. BAHL, Miguel org. *Turismo: enfoques teóricos e práticos*. In: Turismo Social: por uma compreensão mais adequada deste fenômeno. São Paulo: Roca, 2003.
2. BARRETO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas: Papirus, 1995.
3. CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.
4. DENKER, Ada. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 1998.
5. DUMAZEDIER, Jofre. *Lazer e Cultura Popular*. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2001.
6. GOELDNER, Charles R. *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Porto Alegre: Bookman, 2002.
7. IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira, 1999. Introdução ao turismo/ direção e redação Amparo Sancho; traduzido por Dolores Martins Rodrigues Corner. São Paulo: Roca, 2001.
8. KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2001.

9. REJOWISK, Miriam. *Turismo e pesquisa científica*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
10. SOUZA, Arminda M. & CORRÊA, Marcus. *Turismo – Conceitos, Definições e Siglas*. Manaus, AM: Editora Valer, 1998.
11. TRIGO, L.G.Godoi. *Turismo e Qualidade: Tendências contemporâneas*. Campinas: Papirus, 1993.

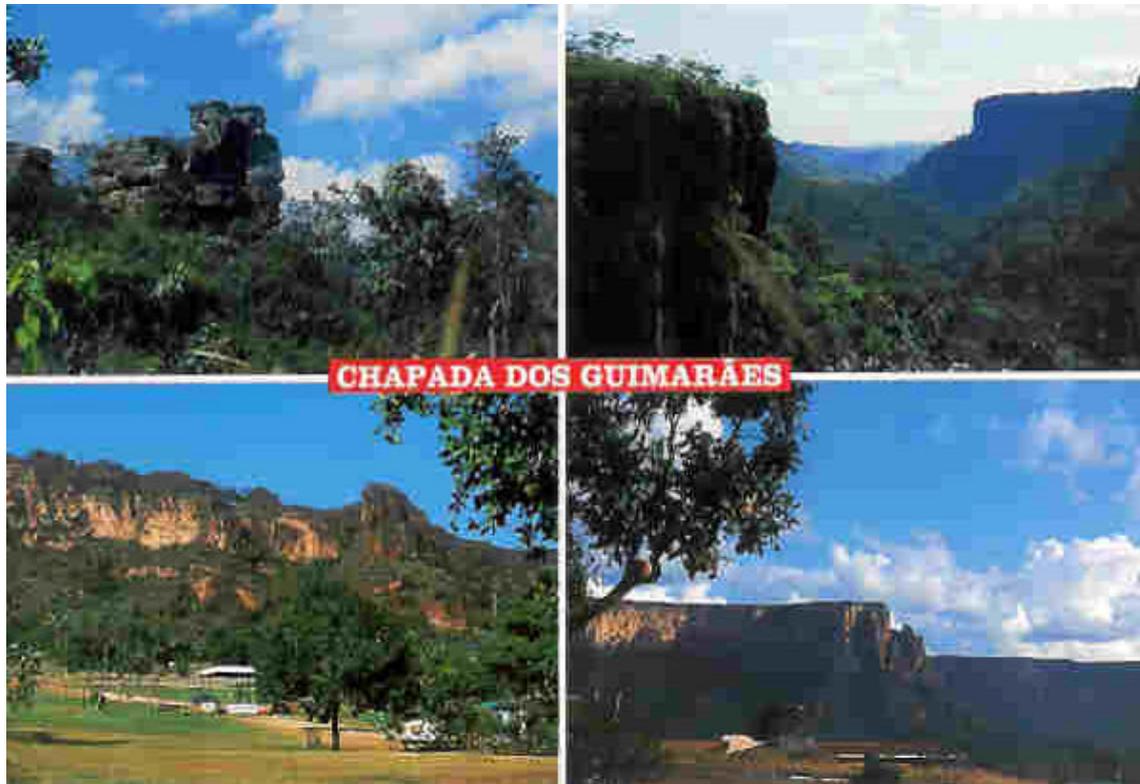
Artigos :

- MACEDO, Carmen C. A. & FIGUEIREDO, Luis C.M. “Domingo na praia – A dimensão simbólica do lazer popular”. In: *Revista Reflexão*. Campinas, n.35, p.62-73, maio/1986.
- POLLAK, M. 1992. Memória e Identidade social. In: *Estudos Históricos*, vol. 10 Rio de Janeiro.

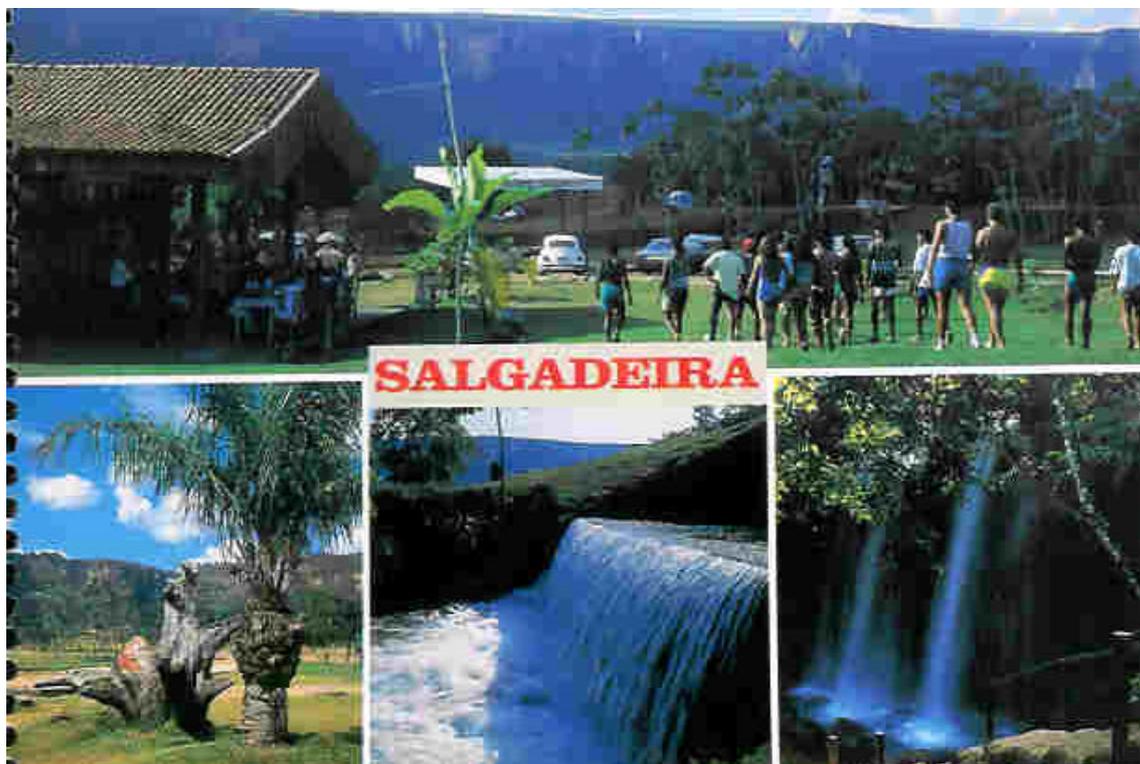
**ANEXOS**



**Figura 2 – Paredões da Salgadeira e de Chapada**



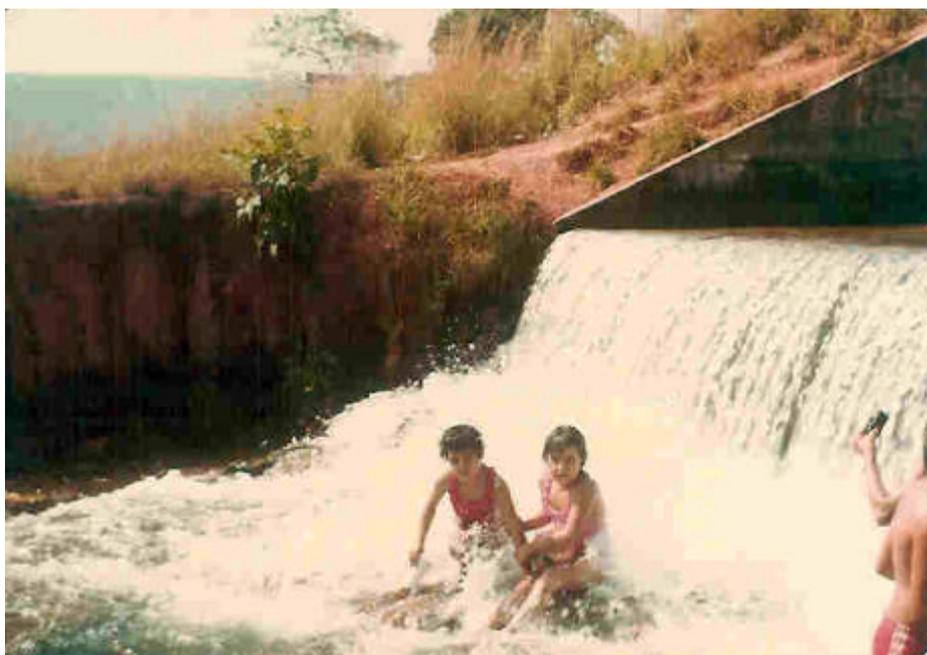
**Figura 3 – Terminal Salgadeira**



**Figura 4 – Crianças na escada da Cachoeira Salgadeira – 1987**



**Figura 5 – Crianças no Córrego Salgadeira sob a Rodovia MT 251 – 1987**



**Figura 6 – Família no Córrego Salgadeira - 1987**

